

Igreja Universal e o sacrifício do dinheiro: um remédio para curar os sofrimentos produzidos pelo capitalismo contemporâneo?¹

Dra. Mary Rute Gomes Esperandio²

Resumo: O presente texto pretende mostrar a relação entre a proposta de sacrifício promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus e os sofrimentos produzidos pelo capitalismo contemporâneo. Supõe-se que tal reflexão contribui com os estudos a respeito da *práxis* do Aconselhamento Pastoral pois traz para o debate questões acerca de alternativas possíveis ao aprisionamento da subjetividade produzido pelo regime atual.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus – sacrifício – forças ativas e reativas de narcisação – vergonha – subjetividade.

Abstract: This text intends to show the relationship between the proposal of *sacrifice* as promoted by the Universal Church of the Kingdom of God and the sufferings produced by the contemporary Capitalism. It is assumed that such reflection contributes with the studies regarding the *praxis* on Pastoral Care and Counseling, therefore it brings some questions for the debate concerning possible alternatives to the imprisonment of the subjectivity produced by the current regimen.

Key-words: Universal Church of the Kingdom of God – sacrifice – active and reactive forces of narcisation – shame – subjectivity.

¹ Este artigo foi originalmente apresentado no Congresso Internacional de Aconselhamento Pastoral, na Polônia, em agosto de 2007, adaptado para edição da Revista Via Teológica em 2007, agora, republicado nesse número.

² Psicóloga (CRP 07/12747). Dra. em Teologia (EST/IEPG). Professora na FTBP.

Notas Introdutórias

Alguns estudos³ sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) demonstram que a experiência religiosa promovida por essa igreja volta-se, fundamentalmente, à “educação” do sujeito na instrumentalização de técnicas – sobretudo as do sacrifício – como forma de, individualmente, dar conta dos sofrimentos produzidos na sociedade contemporânea. Depreende-se, pois, da análise dessa proposta religiosa, que a mesma funciona como “estratégia de sobrevivência” para a maioria dos que a experimentam. O texto do professor Berge, publicado nessa edição, também aponta esse dado: na Igreja Universal do Reino de Deus a prioridade é a sobrevivência (com a ajuda de Deus) e a salvação de si mesmo. O presente texto, preparado para um Congresso Internacional de Aconselhamento Pastoral cujo tema assenta-se na metáfora do vaso de barro⁴, pretende desenvolver uma reflexão sobre a relação entre a proposta da IURD para lidar com o sofrimento e a *subjetivação capitalista contemporânea* (modo de ser e de viver hoje). Parte-se do pressuposto que tal análise contribui no entendimento do nosso próprio modo de existência e ajuda-nos a levantar novas questões acerca da nossa práxis, tanto como Aconselheiros Pastorais ou mesmo como Terapeutas profissionais que se deparam com questões espirituais que surgem na Clínica Psicológica. “O que pode a nossa *práxis*, no sentido da promoção de um modo de existência para além da sobrevivência e do imperativo de gozo?” Gostaria de refletir sobre isso partindo da apresentação de duas histórias vividas no período de pesquisa sobre a Igreja Universal do Reino de Deus.

I – Do lado de fora das portas...

Estou em frente ao templo da IURD, em Porto Alegre. Uma segunda-feira. Uma cena causa-me horror: uma senhora maltrapilha, provavelmente uma moradora de rua, mendiga, é expulsa do interior do templo com violência. Ela cai na calçada e o segurança da igreja chuta-lhe o abdômem, arranca-lhe das mãos uma garrafa de plástico com água, abre a tampa e derrama o conteúdo na rua. Em seguida, joga a garrafa sobre a mulher enquanto ela grita e rola de dor. Talvez ela tenha tirado a garrafa com água de alguém que estava no templo. Algumas pessoas

³ ESPERANDIO, M. R. G. 2004/2006; FURRE, B. 2006; STALSETT, S. 2006; BOBSIN, O. 1995.

⁴ O tema do Congresso foi: “Tesouro em Vasos de Barro” – O Cuidado de almas diante da fragilidade e destruição – Perspectiva Individual e Sistêmica (“Treasure in Earthen Vessels – Care of Souls facing Fragility and Destruction – Individual and Systemic Perspectives”).

ficam indignadas e a polícia é chamada. No interior do templo, cerca de 5 mil pessoas participam da “Reunião dos Empresários”, ou “Congresso dos Empresários”, como costumam chamar.

Se essa cena de violência por si só causa indignação, o assombro aumenta quando uma mulher membro da IURD aproxima-se de mim, defendendo apaixonadamente o ato de violência, justificando-o como uma cena teatralizada pelo demônio. “*Era o demônio quem estava tentando impedir a reunião. Mas ele foi expulso de dentro do templo e não incomodará mais!*”. E acrescenta: “*Agora, depois do 'circo armado' (com polícia, repórter e ajuntamento de alguns que permaneceram fora da reunião) o demônio está dormindo, quietinho*”. Ela se referia ao fato de a mulher agredida estar aquietada, ainda no chão e com os olhos fechados.

Enquanto assistia ao desenrolar daquela situação, ainda estarrecida com as justificativas ouvidas, vejo uma mulher bonita, muito bem vestida, micro-empresária, entrando na igreja. Era a proprietária de uma bem sucedida padaria estabelecida num bairro nobre da cidade, que eu havia entrevistado seis meses antes. Na ocasião da entrevista ela descrevera sua transformação do seguinte modo:

Eu estava em depressão profunda, prestes a cometer suicídio. Frequentava casas de religião (Cultos Afro-brasileiros) e afundava-me cada vez mais em dívidas. Numa das muitas noites de insônia, durante as quais eu pensava em suicídio, liguei a televisão e encontrei a IURD. Naquela noite fiz o que o bispo mandou. Coloquei um copo com água sobre o aparelho de televisão e depois da oração do bispo abençoando o copo d'água, tomei a água. Pela primeira vez, depois de 30 noites em claro, consegui dormir⁵.

A partir daí começa a frequentar as reuniões, participa das campanhas de sacrifício e sente-se feliz em testemunhar agora, o sucesso financeiro e emocional que desfruta “*depois de fazer tudo o que o bispo mandou*”.

São histórias fortes. Especialmente em relação à segunda história, ouvi várias semelhantes no período de minha pesquisa de campo, quando visitei quase uma centena de reuniões da IURD em diferentes cidades e países. Quanto à primeira história, o etnólogo suíço, Yvan Droz (2003, p. 119) faz observações semelhantes ao se referir ao modo como a IURD trata os pobres no Quênia. Ele afirma: “*mendigos e vagabundos são excluídos do culto: eles não devem incomodar os fiéis com sua aparência ou seus pedidos insistentes de esmola (...) mas não são abandonados à própria sorte, mas devem ficar no seu lugar, fora dos muros da igreja*”. Ficam de fora, portanto, aqueles/as que não servem como espelho do outro.

A segunda história, por sua vez, exemplifica a fragilidade e a força do sistema iurdiano para acabar com o sofrimento: basta sacrificar. Alcança sucesso e felicidade aquele/a que pode

⁵ Entrevista realizada em 13.12.03. Usada com permissão.

sacrificar. Estas duas histórias se complementam naquilo que revelam a respeito da política de relação com o outro que se produz na prática religiosa da IURD e que tem íntima relação com o que acontece, também, na sociedade em geral. Percebemos que cada formação sócio-histórica cria suas próprias “políticas de subjetivação” (criação de modos de existência), para sustentar o seu próprio regime – ou seja, produz certas variações a respeito do lugar do outro e da política de relação que com ele se estabelece.

As histórias também nos trazem à mente uma observação do filósofo francês, Deleuze (1998, p.122), ainda que em outro contexto, ao nos chamar a atenção para o fato de que somos responsáveis diante da produção de certos modos de existência. Deleuze afirma: “não somos responsáveis pelas vítimas, mas diante das vítimas”. Diante da produção de certos modos de vida cabem interrogações tais como: Que posso ser? Que posso fazer? A que poder visar e a quais resistências opor? Quais são as nossas lutas hoje? Para Deleuze, a procura por respostas a essas perguntas constitui o pensar. Pensar no sentido de pôr em funcionamento a nossa capacidade de ver e falar. Em outras palavras, trata-se do pensamento como estratégia de luta, de não-conformação, de re-modelação do vaso de barro em simultaneidade à remodelação do próprio mundo, como nos lembra o apóstolo Paulo ao nos incitar a lutar pela recriação permanente do mundo através de novas maneiras de pensar (Rom. 12:2).

Essas interrogações requerem respostas elaboradas e sabe-se de antemão que não há uma única resposta possível. Temos, porém, algumas percepções que talvez possam nos ajudar a construir, coletivamente, algumas estratégias de luta contra a dominação, contra a exploração, contra as atuais formas de assujeitamento. O enfrentamento dessas questões passa por uma perspectiva que não separa o plano macropolítico do plano micropolítico. De acordo com Negri (2003, p. 75), esses dois planos não se referem somente à ordem de grandeza nem à diferença entre individual e coletivo. Ambas as dimensões estão referidas a coletividades sociais. Entretanto, a dimensão molar refere-se a “amplos agregados ou grupos estatísticos que constituem, mediante processos de integração e representação, um conjunto coeso e unitário”, por exemplo, instituições e modos de vida estabelecidos. Já a dimensão molecular tem a ver com multiplicidades, “singularidades que formam constelações ou redes não homogêneas”. São elas que carregam a potência constituinte de outras formas de existência, dissolvendo as instituídas e constituindo outras. De que modo o plano molar e o molecular podem ser evidenciados na configuração social contemporânea e na forma de religiosidade produzida pela IURD? Nós só podemos compreender essa relação ao observarmos o modo capitalista de produção de

II - Capitalismo contemporâneo e a “modelização” do vaso de barro.

Não só o cristianismo tem descoberto que seres humanos são vasos de barro, modeláveis, flexíveis. A capacidade plástica do ser humano tem sido descoberta também pelo capitalismo contemporâneo, sobretudo, em seu modo de produção pós-fordista. Entretanto, se no Cristianismo a metáfora do “vaso de barro” é usada para alimentar a esperança de mudança e aposta na nossa capacidade de contínua re-modelização criativa da própria vida, no Capitalismo, a capacidade de mobilidade desse vaso é expropriada, capturada, para alimentar o próprio modo de funcionamento do regime atual.

Pensadores como Antonio Negri, Michael Hardt, Lazzarato, entre outros, têm destacado que desde a década de 70, 80, o capitalismo vem se refinando. Sua principal força motriz baseia-se, justamente, na capacidade criativa do ser humano. Lazzarato chega a designar o sistema atual de “Capitalismo Cognitivo”. O Capitalismo Cognitivo conta com a “cooperação entre cérebros”, ele mobiliza a inteligência e o desejo dos indivíduos. Um exemplo bastante pertinente sobre isso é a teorização de Freud a respeito do Narcisismo e a apropriação e aplicação desse conhecimento, pelo Capitalismo, em seu próprio benefício. Não é por acaso, inclusive, que nas décadas de 80 e 90 surgiram vários estudos a respeito do nascimento de uma “cultura narcísica” que se configura sem precedentes no campo social. Ao se apropriar da força de invenção do indivíduo, o capitalismo captura as *forças ativas de narcisação*, pois são estas que impulsionam o indivíduo à criação, à diferenciação de si. Esse processo de captura dispara, também, um movimento de *reação*, fazendo aparecer certas configurações no campo social (tais como instituições, movimentos, organizações, modos de vida) como expressão das *forças reativas de narcisação*.

Para seguirmos adiante com a reflexão, mas com essas noções mais claras, vamos definir aqui, o que entendemos como *forças ativas e forças reativas de narcisação*. De maneira bastante sucinta, podemos caracterizar as *forças reativas de narcisação* como sendo aquelas que buscam apenas a *adaptação e conservação* da vida. São forças que configuram um modo de ser do tipo “indivíduo”. Cria-se uma “individualidade”, ou seja, o ponto de partida e chegada do cuidado de si fica circunscrito aos limites do próprio indivíduo. Em outras palavras, tudo o 'que se é' e o 'que se pretende ser' só interessa ao indivíduo narcisista (no modo reativo) se couber no espaço da preocupação consigo. Dimensões tais como família, pátria, Deus, sociedade só tem sentido ao indivíduo como meios de auto-realização afetiva, econômica, de sucesso pessoal ou bem-estar

Já a característica das *forças ativas de narcisação* é sua plasticidade. Sua força vai até o limite da sua própria potência e, segundo a descrição de Nietzsche, trata-se de uma força que afirma a diferença, que faz da sua diferença um objeto de alegria e matéria prima para a criação de um ser singular. Cria-se uma “singularidade”. É importante ressaltar, entretanto, que as forças não se definem sozinhas, a não ser em relação com outras forças, ou seja, no encontro entre os corpos, na afecção dos sentidos e na sensibilidade que acontece nos encontros. Só nos encontros é que a diferenciação das forças se torna possível. Uma configuração subjetiva sempre implica um eu no mundo: relação consigo, com o outro, com o mundo, e é só nos encontros que tal configuração se delineia. Assim, se na dinamização deste processo de relação de forças que acontece nos encontros houver abertura ao outro e sensibilidade para acolher e afirmar a diferença, haverá criação e enriquecimento das subjetividades envolvidas no processo.

Tendo esclarecido a noção de forças ativas e reativas de narcisação podemos continuar refletindo sobre o modo como o capitalismo opera em relação à essas forças. Pois bem, ao apropriar-se da potência criativa dos indivíduos – as forças ativas – o capitalismo reverte o modelo “clássico” de produção. No modelo fordista a seqüência era: produção-mercado-consumo. Em outras palavras, a fabricação do objeto era o cerne do capitalismo. Hoje, no pós-fordismo é preciso, primeiramente, criar o mundo e o sujeito onde essa mercadoria vai habitar: a fabricação do desejo e do mundo antecede a produção. Lazzarato, parafraseando Marx, afirma: “o capitalismo não é um modo de produção, mas uma produção de mundos” (Lazzarato, 2006, p. 100). Não é por acaso que, pelo menos 50% do custo de um produto, é investido em marketing, publicidade, design, segundo Lazzarato.

É importante ressaltar que no modelo de produção pós-fordista, uma subjetividade flexível torna-se necessária tanto para dar conta das novas exigências do próprio capitalismo em sua forma de organizar as relações de trabalho, quanto para dar conta da velocidade com que temos de nos adaptar aos novos e incessantes universos criados pelo capitalismo. Vejamos quais os efeitos da plasticidade da subjetividade em relação às novas esferas de mercado criadas pelo capitalismo.

Os novos mercados – e junto a eles, as novas formas de vida – são descartáveis num prazo curto de tempo para dar lugar aos sempre novos mercados a serem consumidos, exigindo uma nova re-formatação da subjetividade a todo instante. É a exploração dos vasos de barro frágeis e modeláveis. Nossas resistências às formas de vida dominantes e as saídas que

inventamos para fugir delas têm sido, continuamente, expropriadas pelo capitalismo. Assim, o atual regime apresenta, incessantemente, novos produtos, novos serviços, novas formas de vida, criadas pelos departamentos de marketing, publicidade, design, veiculadas pela mídia que nos faz acreditar que o consumo de tais modelos de existência são imprescindíveis para a configuração de um território subjetivo. As subjetividades que não se identificam com os que têm (propriedade e poder de consumo) passam a acreditar que nada são, pois identificam-se com os “sem”: sem-teto, sem-emprego, sem-terra, sem-camisa, sem-dinheiro, sem-plano de saúde, sem-saúde, etc. É o sofrimento da humilhação e da vergonha de uma existência sem valor e sem dignidade – que tanto é realidade concreta para muitos, quanto ameaça que paira sobre a cabeça de outros, apontando a possibilidade de um dia encontrar-se entre os “sem”.

É possível perceber que as imagens de mundo produzidas pelo mercado capitalista criam a ilusão de “paraísos” na terra. A mídia veicula a idéia de que a experimentação desses paraísos é possível, bastando, para isso, investirmos nossas energias, nosso desejo, nossa imaginação, etc para atualizar em nossas existências estes mundos virtuais, através do consumo de objetos e serviços que os mesmos nos propõem (Rolnik, 2006, online).

A subjetividade flexível fica então exposta a um processo de identificação com as imagens de mundo veiculadas pela mídia e pela cultura de massa que lutam pela instauração de valores que vão nortear as escolhas dos consumidores (Lazzarato, 2006, p. 101-102). Neste sentido, a proliferação dessas imagens difunde determinados imperativos vividos de forma paradoxal: como uma ordem a ser obedecida e como um meio de se obter prazer. Por exemplo: “Tenha sucesso!”, “Seja feliz!”, “Seja saudável!”, e, sobretudo: “Seja flexível!”. Trata-se de imperativos que ditam o caminho, o mapa da felicidade e apontam o modo de viver (de comer, de vestir, de habitar, de amar), o modo de ter sucesso (educação permanente, trabalho rentável, performance individual capaz de vencer a concorrência, etc) o modo de ser saudável (as medidas do corpo ideal⁶, a musculação, as dietas e consumo dos produtos diet/light), etc. Enfim, imperativos que funcionam como jogos de sedução e de captura do desejo, justamente na dimensão das *forças de narcisação*. O desejo passa a ser direcionado para o mundo da mercadoria e do lucro e é seduzido pelas ofertas de consumo não apenas dos objetos em si, mas do consumo de mundos que transmitem a promessa de gozo e de ilusão de “pertença”. Novos sofrimentos ficam embutidos nesses mundos de promessa de felicidade, mas são mascarados sob os imperativos da sociedade pós-fordista que demanda do indivíduo a busca por sucesso,

⁶ O livro organizado por Mirian GOLDENBERG, *Nu e Vestido*, aponta que em 2001, estima-se que tenham sido realizadas no Brasil, 400.000 cirurgias plásticas.

prosperidade, corpo perfeito, saudável, feliz. Os efeitos da produção desses ideais, assim como as ofertas para “corrigir” ou “incrementar” tais imagens, geram patologias como: Depressão, Ansiedade, Anorexia, Bulimia, Compulsões várias (de consumo, de alimentação, etc), Transtorno do Pânico, as Toxicomanias , etc.

Também o outro passa a ser visto como objeto de consumo a partir da instrumentalização de si mesmo e do semelhante como objeto adequado para o gozo. São as *forças reativas de narcisação* em pleno movimento. Assim, numa sociedade onde tudo e todos se tornam, indiferenciadamente, objetos de consumo, “tudo vale” na busca pela satisfação individual, que passa a ser tomada, então, como direito. Cresce, portanto, a marca da violência gratuita e assiste-se a um processo de banalização da vida (própria e do outro). Sem princípios referenciais para as escolhas morais, a demanda por satisfação pessoal aqui e agora tem se tornado, em geral, o critério que dirige as escolhas e a composição das forças. O resultado é a configuração de um estilo de vida onde o sujeito se sente enfraquecido, deprimido, exposto, fragilizado, buscando na prática do consumo o preenchimento de sua dependência de reconhecimento do outro. O indivíduo contemporâneo criou uma prática de cuidado de si desvinculada do cuidado do outro, com base predominantemente nas forças reativas de narcisação, configurando, assim, um estilo de vida voltado para si próprio e para a busca do prazer biológico, corporal.

Pronto está o terreno para a IURD entrar com sua proposta religiosa que re-afirma a idéia de paraíso na terra já veiculada pelo capitalismo contemporâneo, e com uma solução (sobrenatural) para os que se encontram excluídos de tal paraíso: basta sacrificar!

III - A base da experiência religiosa da Igreja Universal: o sacrifício como tecnologia do eu

A propaganda-convite da IURD chama o indivíduo para participar das “reuniões da felicidade”. Em diferentes línguas, seu *slogan* ao redor do mundo é: “Pare de sofrer”. É bastante conhecida sua promessa de acabar com a “depressão, ataque de pânico, dores de cabeça, ansiedade, desemprego, solidão, alcoolismo, envolvimento com drogas, problemas familiares, dívidas e doenças graves: câncer e vírus do HIV”. Vê-se, portanto, que o foco da IURD é o sofrimento humano e sua mensagem baseia-se na promessa de bem-estar e felicidade do indivíduo. Ela acolhe, diariamente, em seus templos, centenas de pessoas que sofrem, promovendo reuniões que acontecem em torno de 5 a 7 vezes por dia, dependendo do país. A

IURD “capitalizou” o sofrimento humano através da prática da oferta de tecnologias voltadas à promoção de tudo que pode ser colocado ao abrigo da idéia de felicidade, já que felicidade é, hoje, o sentido último (e raramente inquestionável) da existência. Tem-se felicidade como sinônimo de gozo. Neste sentido, quanto maior, mais imediato e mais constante o prazer, maior é a ilusão de que se está sendo feliz. Assim, o indivíduo emprega suas energias na busca da própria felicidade/gozo sem tempo para preocupações outras que não seja o “eu mesmo”, que não seja o atendimento das necessidades corporais de prazer. Percebe-se, assim, a predominância das forças *reativas de narcisação*, pois, a busca da própria sobrevivência, assentada na idéia de um “eu” desvinculado dos demais, favorece a manutenção do *status quo* e reforça a idéia de indivíduo, não a idéia de singularidade. Difunde-se a idéia de que a prosperidade – condição da felicidade – é alcançada mediante uma aliança que se faz com Deus, mediada pelo sacrifício (não o de Cristo, mas o do dinheiro). “*Sacrifício do dinheiro*” refere-se à entrega de uma quantia em dinheiro para a igreja com vistas a alcançar a libertação – entendida como prosperidade, felicidade, cura e bem-estar. Entretanto, essa prática sacrificial é permanentemente renovada, nunca satisfeita. O paraíso na terra, também prometido pelo capitalismo, jamais pode ser alcançado, embora a ilusão de sua possibilidade permaneça justamente para ser insistentemente buscado.

A religiosidade promovida pela IURD dá sentido ao sofrimento significando-o como demoníaco: tudo é culpa do demônio e este precisa ser exorcizado. Entretanto, a condição para o demônio ser mantido fora do indivíduo baseia-se na aliança, sempre renovada, que se faz com Deus, pelo sacrifício do dinheiro. Impede-se assim, outras formas de lidar com os sofrimentos e processos de desestabilização. O *sacrifício do dinheiro* constitui-se, portanto, numa *tecnologia* que captura o desejo e a potência criativa do sujeito, obstruindo um processo de transformação do mundo, pois barra a possibilidade de utilização da matéria prima (o mal-estar) que potencializa as forças criativas de invenção de outros modos de existência.

A noção de tecnologias, conforme teorizada por Foucault, diz respeito à estratégias utilizadas para algum tipo particular de dominação. Existem as *tecnologias de produção*, as de *sistemas de signos*, as de *poder* e as *tecnologias do Eu*. Estas últimas, “permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos e conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim, uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade” (Foucault, 1996, p. 48). É neste sentido, pois, que se pode afirmar que a proposta iurdiana do *sacrifício do dinheiro* com vistas a receber de Deus as bênçãos materiais,

prosperidade, e fim do sofrimento aqui na terra, constitui-se numa *tecnologia do eu* para alcançar essa vida de “felicidade plena”.

Cabe pontuar que os sofrimentos tratados pela IURD afetam diretamente a subjetividade na dimensão das forças de narcisização. A observação da lista dos sofrimentos que a IURD promete dar fim, assim como as narrativas dos testemunhos dos fiéis, apontam sentimentos de inferioridade, inadequação, retraimento, apatia, medo de arriscar, indicando que todas essas sensações podem ser colocadas ao abrigo da noção de vergonha. A vergonha tem a ver com um funcionamento egóico e pode ser uma das expressões mais profundas das forças reativas de narcisização. Conforme já observei em trabalho anterior,

a experiência religiosa promovida pela IURD captura o desejo de independência, de autonomia do indivíduo e trabalha, através da *tecnologia do sacrifício*, o sentimento de vergonha que restringe a subjetividade e a despotencializa. Ao entregar a oferta de sacrifício em dinheiro, o indivíduo lida com sua vergonha, com seu desejo de ser afirmado em sua grandiosidade, em sua potência. A vontade de potência é, então, capturada em um modo que o desejo fica reduzido à ambição pelo lucro, ao desejo de posse, ao desejo de pequenos prazeres ou mesmo ao atendimento de necessidades básicas da vida. Troca-se com o divino através do sacrifício em dinheiro. Busca-se ‘Deus como aliado e sócio’, como diz Macedo (Esperandio, 2007, p. 93).

Neste modo de experimentação religiosa a subjetividade é reafirmada em sua dimensão individual, esmagando-a na massa indiferenciada de pessoas que se reúnem no mesmo lugar, com um mesmo objetivo, mas fechadas umas às outras. Comum entre elas é o desejo de pôr fim à fragilidade e ao mal-estar, usando a própria biografia pessoal na busca de soluções para sofrimentos socialmente produzidos. A técnica do sacrifício impossibilita o sujeito de construir, em sua própria vulnerabilidade, mas juntamente com outros, algo de novo – que ultrapasse o nível da sobrevivência, pois freiam-se os movimentos que favorecem a construção do comum pela via da cooperação. Captura-se o desejo de transformação da vida trocando-o pela promessa de paraíso na terra pela tecnologia do sacrifício. Mas o comum não porta nenhuma promessa. Ao contrário, ele é premissa para a construção de outros modos de vida (Virno, 2007, online). A fé, ao ser transformada em certeza de retorno de um investimento feito em si próprio, é esvaziada de sua potência de criação de um outro modo de ser e de viver. Impede-se, assim, um processo de criação em comum que poderia ser realizado pela multidão. Entendemos multidão não como massa indiferenciada de indivíduos – que é o que acontece nas reuniões da IURD. Multidão não é encontro de identidades ou de individualidades, nem de exaltação de diferença, mas sim, “um conjunto de singularidades cooperantes que se apresentam como uma rede, uma network, um conjunto que define as singularidades em suas relações umas com as outras” (Negri, 2005,

online). É por isso que a questão do “comum” está intimamente ligada à noção da multidão e às forças ativas de narcisação. Ao contrário da massa que agrupa individualidades homogêneas, a idéia de multidão abriga o reconhecimento de que por trás de identidades e diferenças, pode existir ‘algo comum’ entre as singularidades, algo com o qual se possa trabalhar em cooperação para a construção criativa de outros modos de ser e de viver.

Para continuar refletindo...

Um modo de religiosidade baseado na promoção de um bem-estar que se alcança na dimensão individual, desvinculado do cuidado de si e do outro em simultaneidade, é, a meu ver, uma religiosidade baseada, predominantemente, no pólo das *forças reativas de narcisação*. Sobretudo, porque promove a *conservação e reprodução* de um modo de existência voltado para o prazer e o gozo que advêm do lucro que se alcança nas trocas. Como já tenho observado em outros estudos sobre a IURD, a vida pode até melhorar em razão de que a vergonha passa a ser, em parte, substituída pela ousadia, pela arrogância de saber-se capaz de fazer altas doações (como a oferta de sacrifício). Mas a lógica reativa permanece a mesma porque não há reconhecimento da diferença (entre Deus e o ser humano) e recebimento da graça: aceitar que é aceito pelo divino. Há, sim, tentativa de pagar a dívida, através do sacrifício em dinheiro, da dádiva recebida (simbolizada no sacrifício do Cristo). No mundo capitalista onde a troca com lucro permeia as relações é esse modo de religiosidade que faz sentido. Mas na hermenêutica cristã, da graça, essa prática é estranha a Deus (Esperandio, 2007, p. 93).

É fato que muitos têm encontrado na religiosidade iurdiana alívio para o sofrimento de uma subjetividade envergonhada, socialmente produzida pelo capitalismo vigente. Mas religiosidades que sustentam uma lógica reativa não resgatam a dimensão da *singularidade*, da diferenciação de si pelas *forças ativas de narcisação*. Elas apenas ajudam na construção de defesas para a individualidade se movimentar com mais prazer, com mais gozo, com mais “felicidade”.

O Aconselhamento Pastoral tem diante de si o desafio de contribuir, com sua prática, na criação de mundos que afirmem a vida. De que modo isso é possível contemplando tanto a dimensão da *singularidade* quanto a da *multidão*? Como podemos construir novas formas de produzir o trabalho da *multidão*, a fim de que o *comum* que une a cristandade contribua na promoção de processos de criação de outras formas de viver que escapem ao aprisionamento produzido pelo regime atual? Somos vasos de barro e temos um tesouro em nós. O que pode a

nossa força de criação para enfrentar o desafio da produção da vida para além da sobrevivência?
Como liberar a vida destes novos impasses?

Diante de nós está a necessidade de fomentar um trabalho *em comum* que resulte na construção de práticas outras que coloquem em movimento as forças ativas para a produção de uma “vida abundante”. Vida abundante entendida não da perspectiva individual e como sinônimo de “ter”, mas de “ser”: criativo, *singular* e afirmador da vida em sua potência criadora.

Bibliografia

- BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST, v. 35, n. 1, 1995.
- DROZ, Yvan. A Igreja Universal no Quênia. In: ORO, Ari Pedro. CORTEN, André. DOZON, Jean-Pierre (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DELLEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1998.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e Sacrifício – Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2006.
- _____. *Narcisismo reativo e experiência religiosa contemporânea: culpa substituída pela vergonha?* Revista Psicologia e Sociedade, nr. 19 (2), Porto Alegre: ABRAPSO, 2007.
- _____. Globalization and Subjectivity: A Reflection on the ‘Universal Church of The Kingdom of God’ drawn from Psychology of Religion. In: STAALSETT, Sturla (ed.). *Spirits of Globalization. The Growth of Pentecostalism and the Experiential Spiritualities in a Global Age*. London: SCM Press, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del Yo*. Barcelona: Paydós Ibérica, 1996.
- FURRE, Berge. Crossing Boundaries: The ‘Universal Church’ and the Spirit of Globalization. In: STAALSETT, Sturla (ed.). *Spirits of Globalization. The Growth of Pentecostalism and the Experiential Spiritualities in a Global Age*. London: SCM Press, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ROLNIK, Suely. *Geopolítica da Cafetinagem*. (2006). Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. Acesso em 12.01.2007.
- STAALSETT, Sturla. Offering On-Time Deliverance: The Pathos of Neo-Pentecostalism and the Spirits of Globalization. In: STAALSETT, Sturla (ed.). *Spirits of Globalization. The Growth of Pentecostalism and the Experiential Spiritualities in a Global Age*. London: SCM Press, 2006.

VIRNO, Paolo. *Gramática da Multidão*. Para uma análise das formas de vida contemporâneas. Tradução disponibilizada online, em português, em 2003. Disponível em: http://br.geocities.com/polis_contemp/Virno_gramatica_multidao.pdf Acesso em 21.04.07.